

OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS COM CONTEÚDO INFORMATIVO (A NOTÍCIA, A REPORTAGEM E A ENTREVISTA) NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESVELANDO A LINGUAGEM PRETENSAMENTE NEUTRA

Justina de Lara¹

RESUMO

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa empírica desenvolvida pela autora, em que propõe o trabalho com gêneros jornalísticos com conteúdo informativo e que se iniciou pela preocupação com as dificuldades de interpretação e produção textual enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental e Médio. Pensando em contribuir para a melhoria do ensino da língua materna, a pesquisa se propôs a investigar meios de tornar o aluno um leitor crítico, capaz de desconstruir e desmistificar o suposto senso comum veiculado pela mídia. Optou-se, então, pela perspectiva de linguagem bakhtiniana e pelo estudo formal dos enunciados jornalísticos, no intuito de desvelar a linguagem referencial e supostamente neutra. Este artigo relata a prática pedagógica vivenciada pela autora com seus alunos da oitava série do Ensino Fundamental, apresentando trechos dos textos produzidos por eles, bem como observações pessoais, feitas no contato direto com os educandos, demonstrando as dificuldades e progressos ocorridos ao longo do processo de implementação pedagógica. Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a melhoria do ensino da Língua Portuguesa das escolas públicas do Estado do Paraná.

Palavras-chave: gêneros jornalísticos; prática pedagógica; melhoria do ensino.

¹ Professora de Português, atuando na rede estadual pública paranaense de ensino desde 1996. Participante do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) 2007.

ABSTRACT

This article describes the results of an empiric research developed by the author, when she proposes activities with journalistic genders in informative contents. It has begun by concern due difficulties in interpretation and textual writing faced by students from Elementary and High School. Thinking about how contribute to improve mother language teaching, the research proposes to investigate means for student becomes critical reader, able to deconstruct and demystificate the supposed ordinary sense announced by medium. The author has chosen Bakhtin language perspective and formal investigation of the journalist statements, aiming unveil referential language, considered neutral. This article reports pedagogical activity experienced by author with her students from Eighth Grade of Elementary School, showing text passages written by those students and personal observations gotten in direct contact with learners, demonstrating difficulties and progresses occurred in pedagogical implementation process. The author hopes the research can help improving Portuguese language teaching in public schools of Parana State.

Key-words: journalistic genders; pedagogical activities; improve teaching.

1 INTRODUÇÃO

A dificuldade de interpretação e produção de textos pelos nossos alunos é um problema que exige a constante busca de soluções. Sanar essa deficiência é um desafio a ser enfrentado pelos professores, não apenas de Língua Portuguesa, mas por qualquer outro profissional envolvido no processo.

Freqüentemente, os professores de Língua Portuguesa são responsabilizados por esse fracasso. Entendemos, entretanto, que as dificuldades de nossos alunos são reflexos de situações que, apesar de perpassarem a escola, vão além dela. Contudo, a escola não se exime da responsabilidade de desenvolver competências cognitivas complexas nos seus alunos. Isso só é possível por meio de um trabalho conjunto, mas que atenda as peculiaridades de

cada disciplina. No caso do ensino da Língua Portuguesa, é preciso pensar em formas que articulem leitura, reflexão e produção textual.

Observando que os alunos (qualquer que seja seu meio social) têm capacidade para compreender o mundo em toda a sua complexidade, mas, que, ao se depararem com um texto escrito, são incapazes, muitas vezes, de fazer uma interpretação básica e, menos ainda, uma reflexão mais profunda a respeito do mesmo, decidimos desenvolver um trabalho com gêneros jornalísticos, tendo em vista que esses textos vinculam-se à realidade, através dos acontecimentos concretos, servindo como mediadores entre a percepção e o entendimento dos fatos. Essa compreensão da realidade trazida pelo jornalista é subjetiva e a análise dessa subjetividade pode contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico de nossos alunos, propiciando a eles a compreensão e o uso competente da linguagem.

Considerando as dificuldades de interpretação e produção textual, já expostas, enfrentadas por nossos alunos e considerando ainda as vantagens em se trabalhar com gêneros do jornalismo com conteúdo informativo, por estarem presentes no cotidiano de nossos alunos e apresentarem linguagem coloquial, propusemos o trabalho com gêneros jornalísticos nas aulas de Língua Portuguesa.

Ademais, o estudo formal dos enunciados jornalísticos nos permite desvelar as intenções e ideologias subjacentes aos textos, colaborando para uma leitura menos ingênua dos discursos veiculados pelos meios de comunicação.

Objetivando responder com maior eficiência aos problemas de interpretação e produção de texto, manifestados pelos alunos em diferentes situações, optamos pelo estudo dos enunciados dos gêneros jornalísticos com conteúdo informativo nas aulas de Língua Portuguesa, buscando: propiciar aos alunos da escola pública a melhoria na interpretação e produção textual; compreender os gêneros jornalísticos enquanto gêneros textuais autônomos, com linguagem e estilo específicos; analisar a linguagem jornalística, identificando seus elementos constitutivos, bem como sua estrutura própria; visualizar o discurso jornalístico como fenômeno de linguagem, aberto à abordagem cognitiva; propor um estudo formal dos enunciados jornalísticos, sejam eles ideológicos,

científicos ou críticos; perceber a carga ideológica contida nos textos jornalísticos, a partir da análise de seus elementos lingüísticos.

Acreditamos que o trabalho pedagógico com gêneros jornalísticos permite aos alunos tomar maior consciência da realidade em que estão inseridos, à medida que se tornam capazes de questionar a forma como essa realidade é interpretada pelos meios de comunicação, a partir de uma análise mais profunda dos enunciados jornalísticos. A compreensão dessa dimensão da realidade propicia-lhes a ampliação de competências cognitivas e comunicativas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo dessa pesquisa são os seguintes gêneros jornalísticos: a notícia, a reportagem e a entrevista, tendo a notícia como foco principal do estudo. Nossa idéia inicial era nos dedicarmos exclusivamente ao estudo da notícia jornalística, por ser o tipo de texto mais presente em nosso meio, considerado por Lage "o mais banal dos textos jornalísticos".² Além disso, como esse gênero não faz uma análise profunda dos fatos, caracterizando-se por uma aparente neutralidade e uso de linguagem referencial, acreditamos ser um campo fértil de estudos e objeto de análise nas aulas de Língua Portuguesa.

Entretanto, sentimos que havia necessidade de ampliar nosso campo de estudo teórico para pelo menos mais dois gêneros textuais e, por isso, escolhemos a reportagem e a entrevista, cuja inclusão nas aulas de Língua Portuguesa poderia enriquecer o trabalho do professor através da interpretação e produção de texto em atividades orais e escritas.

² LAGE, Nilson. *Estruturas de Textos Midiáticos*.

Compreendemos a necessidade do estudo teórico desses gêneros textuais para que o professor se sinta preparado "para trabalhar os mecanismos de produção da informação, aguçando, assim, sua percepção crítica individual, e mudando seu próprio referencial",³ deixando de ser mero receptor de informações e se tornando um crítico do texto midiático.

Como ainda há muita discussão no campo teórico a respeito das classificações e definições dos gêneros jornalísticos, optamos por esses três gêneros devido à relevância dos mesmos nos meios de comunicação e não pela categoria ou macrogênero a que poderiam pertencer ou, ainda, pela tipologia textual.

Bonini⁴ faz um levantamento das classificações de gêneros jornalísticos feitas por diversos autores, a partir de determinados critérios, considerando-os insuficientes, propondo como critério central de classificação "a relação sujeito socialmente constituído (no caso o jornalista) e sua linguagem (os gêneros)"⁵ para tentar suprir a defasagem teórica nesse campo de estudos.

Dentre os autores estudados por Bonini, encontramos Melo⁶ que, utilizando a intencionalidade e a natureza estrutural do relato como critérios de classificação, inclui a notícia, a reportagem e a entrevista na categoria do jornalismo informativo. Criticando Melo, Chaparro⁷ considera o comentário e o relato como gêneros do jornal, sendo a reportagem, a notícia e a entrevista espécies narrativas do gênero relato. Numa perspectiva tipologizante, Dias⁸ e Medina⁹ incluem a notícia, a reportagem e a entrevista dentre os gêneros informativos na categoria jornalismo.

Bonini também observa como são tratados os gêneros em manuais de estilo e dicionários de comunicação. De acordo com o material analisado, a

³ MONTEZANO, Patrícia Christina. *Telejornal: o cotidiano em sala de aula*, p. 74.

⁴ BONINI, Adair. *Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?* p. 227

⁵ BONINI, Adair, id. *ibid.*

⁶ José Marques de Melo *apud* BONINI, *id.*, p. 213.

⁷ Manuel Carlos Chaparro *apud* BONINI, *id.*, p. 215.

⁸ Paulo da Rocha Dias et al *apud* BONINI, *id.* p. 217.

⁹ Jorge Lellis Bonfim Medina *apud* BONINI, *id.* p. 218.

notícia, a reportagem e a entrevista são "gêneros centrais livres autônomos",¹⁰ sendo assim classificados por se caracterizarem como unidades textuais independentes ou por serem predominantes num bloco de textos.

Como podemos observar, dependendo do critério adotado, teremos diferentes classificações. Por isso, como salientamos acima, os três gêneros textuais não foram escolhidos por pertencerem a uma determinada categoria ou tipologia textual, nem é de nosso interesse tentar enquadrá-los num macrogênero. Acreditamos que cada gênero é autônomo, possuindo diferenças específicas, merecendo ser estudados sua estrutura, seu conteúdo, seu estilo, suas finalidades e suas intenções. Nosso posicionamento parece estar de acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, cujo documento afirma que "cada gênero textual tem suas peculiaridades: a composição, a estrutura e o estilo variam conforme se produza uma história, um poema, um bilhete, uma receita, um texto de opinião ou científico, filosófico."¹¹

Para consolidar nossa posição, trouxemos, ainda, para nosso estudo o conceito de domínio discursivo de Marcuschi. De acordo com esse autor, "os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam",¹² dando origem a discursos mais específicos, como o discurso jornalístico. Basta-nos, portanto, compreender a notícia, a reportagem e a entrevista como gêneros pertencentes ao domínio do discurso jornalístico, não nos arriscando a enquadrá-los num macrogênero (ou hipergênero) do tipo informativo, narrativo ou de qualquer outra categoria ou espécie.

Apesar das considerações feitas a respeito das classificações, inclinamo-nos a concordar com Bonini a respeito da existência de um conteúdo informativo presente na notícia, na reportagem e na entrevista: "Os gêneros livres (tais como a

¹⁰ Manuais de estilo (Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo) e dicionário de comunicação de Rabaça e Barbosa *apud* BONINI, p. 223.

¹¹ PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica*, 2006, p. 26.

¹² MARCUSCHI *apud* SILVA, Sílvio Ribeiro da. *Gênero textual e tipologia textual: colocações sob dois enfoques teóricos*, p. 5.

notícia, a reportagem, a entrevista, etc.) são aqueles que de fato trazem o conteúdo informativo do jornal."¹³

Antes de investigarmos os gêneros jornalísticos, objeto de nosso estudo, é necessário retomar a noção de gênero textual para que possamos entender as dificuldades na conceituação e classificação dos textos. Propomos, então, a discussão do conceito de gênero textual para em seguida analisarmos a notícia, a reportagem e a entrevista.

2.2 GÊNEROS TEXTUAIS

A preocupação em classificar os textos de acordo com uma tipologia específica vem desde a Grécia Antiga, atribuindo-se a Aristóteles a distinção entre as três formas genéricas fundamentais: o lírico, o épico e o dramático, cuja divisão se fundamenta na representação da realidade.

Apesar de o tema ser antigo, é somente a partir de Bakhtin, no século XX, que os gêneros textuais ganham importância para os estudos lingüísticos. Negando a teoria estruturalista de Saussure que concebe a língua como um sistema, Bakhtin defende a natureza social e ideológica da linguagem. Para ele, a linguagem é atividade interativa, dialógica que, permeando toda a vida social, exerce papel central nos sistemas ideológicos. Seus estudos também ganham importância quando se opõe ao subjetivismo individualista e concebe a "consciência individual" como "um fato sócio-ideológico".¹⁴ Ou seja, ele retoma a máxima marxista que afirma ser o ser social determinante da consciência e não o inverso. Seus estudos têm grande importância para nossa pesquisa, pois quando se faz uma análise mais profunda do texto, buscando descobrir sua intencionalidade, é preciso ter em mente que a ideologia está por trás das ações, não sendo facilmente perceptível, nem sendo reflexo ou falseamento da realidade,

¹³ BONINI, Adair. *Os gêneros de jornal: um exemplo de aplicação da metodologia sócio-retórica*, p. 54.

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 35.

mas refletindo e refratando a realidade material, revelando-se nas contradições do discurso.

Bakhtin conceitua os gêneros (do discurso) como "tipos relativamente estáveis de enunciados"¹⁵. Ele reconhece a diversidade de gêneros e, por isso, considera a estabilidade e a variabilidade como características dos gêneros discursivos. A prática social faz surgir novos gêneros que, embora tenham por base um gênero já existente, dele se diferencia pela linguagem, pela finalidade e pelos meios, surgindo, assim, um novo gênero.

Apesar da importância de Bakhtin aos estudos dos gêneros textuais, algumas críticas não podem deixar de ser consideradas. Bonini¹⁶ aponta dois problemas na perspectiva teórica bakhtiniana. O primeiro deles diz respeito ao diálogo que Bakhtin concebe como um gênero, mas que não pode ser assim enquadrado na teoria dialógica. Bonini enfatiza que "gênero e enunciado não são em tudo a mesma coisa, e este é um ponto incoerente dentro do quadro teórico esboçado por Bakhtin."¹⁷ A segunda crítica trata do texto jornalístico. Para Bonini, o gênero equivale ao enunciado em alguns contextos apenas. Portanto, alguns fenômenos lingüísticos, por não serem enunciados individuais, "não podem ser vistos como gêneros nos trabalhos de Bakhtin".¹⁸

Concordamos com a primeira crítica de Bonini, pois entendemos que o texto seja a concretização do discurso, diferenciando-se deste na medida em que se organiza e se estrutura de acordo com as normas da língua. Mas, com relação ao segundo problema, consideramos parcialmente procedente a crítica boniniana, pois acreditamos que, devido à flexibilidade da concepção bakhtiniana, essa ainda seja a mais adequada ao estudo dos textos jornalísticos contemporâneos. Igualmente, as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná consideram a definição de gênero de Bakhtin apropriada, pois, "compreendendo a mobilidade,

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*, p. 262.

¹⁶ BONINI, Adair. *Gênero textual / discursivo: o conceito e o fenômeno*, pp. 10-13.

¹⁷ BONINI, *op. cit.* p. 11.

¹⁸ BONINI, *ibid.*

dinâmica, a fluidez, a imprecisão da linguagem, não aprisiona os textos em determinadas propriedades formais".¹⁹

Além disso, é preciso considerar que os demais autores que se ocuparam do estudo dos gêneros textuais tiveram como ponto de partida a teoria de Bakhtin, não negando sua perspectiva dialógica.

Assim, seguindo as premissas básicas de Bakhtin, Bronckart entende o texto como uma "organização cognitiva, determinada por um meio social específico"²⁰, concordando com Bakhtin também a respeito da importância da existência dos gêneros para a comunicação verbal.

Por reconhecerem a importância da existência dos gêneros e da sua apropriação, enquanto mecanismo de socialização, as teorias de Bakhtin e Bronckart se apresentam essenciais na fundamentação de um modelo didático de gênero quando se propõe tornar o aluno apto diante das exigências comunicativas do mundo contemporâneo.

Outro teórico que acredita na dinamicidade e variabilidade dos gêneros é Todorov. Para ele, os gêneros não desaparecem, mas se transformam. A respeito da origem dos gêneros ele é categórico em afirmar que um gênero se origina de outro:

Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um "texto" de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à "poesia" quanto ao "romance" do século XIX, do mesmo modo que a "comédia lacrimajante" combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros; é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de "anterior" aos gêneros.²¹

Também, não se afastando da abordagem teórica de Bakhtin, Marcuschi define os gêneros textuais como "formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em

¹⁹ PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica*, 2006, p. 21.

²⁰ BRONCKART *apud* BONINI, op. cit. p. 8.

²¹ TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*, p. 46.

domínios discursivos específicos."²². Segundo esse autor, os gêneros textuais são produtos históricos e socioculturais que existem a partir das práticas sociais, marcados por aspectos funcionais e sociocomunicativos. Preocupando-se com o ensino / aprendizagem da linguagem, Marcuschi defende a necessidade de "levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos lingüísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gêneros de cada um",²³ o que proporcionaria ao aluno melhoria de sua competência comunicativa em diferentes situações.

Em consonância com as teorias dos autores apresentados, as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná compreendem o gênero como "uma prática social" que "deve orientar a ação pedagógica com a língua, privilegiando o contato real do estudante com a multiplicidade de textos produzidos que circulam socialmente. Esse contato com os gêneros, portanto, tem como ponto de partida a experiência e não o conceito".²⁴

Essa reflexão orientou nossa atividade pedagógica, ficando claro que deveríamos trabalhar com os alunos textos diversificados para que eles fizessem uso da língua em diferentes situações e compreendessem as peculiaridades da linguagem em diferentes contextos. A partir do trabalho com o texto, os aprendizes poderiam formular suas hipóteses a respeito do gênero textual, percebendo suas diferenças estruturais, lingüísticas e situacionais.

Embora esse trabalho se restringisse ao estudo de alguns gêneros jornalísticos, enquanto referencial teórico, nossa proposta para a sala de aula considerou a possibilidade de trabalho com outros gêneros. Partindo do estudo do texto jornalístico, outros gêneros foram se agregando, através da pesquisa de textos que tratasse do mesmo tema ou que abordassem a mesma situação, sob outro enfoque, ou, ainda, textos filosóficos, científicos, históricos que permitissem compreender certa situação apresentada pelo texto jornalístico. Assim, ampliou-se

²² MARCUSCHI, L. A. *apud* CAMPERO, Juliana Oliveira; FERREIRA, Cláudia Cristina. *Gêneros textuais no ensino médio: por uma formação lingüística mais diversificada e competente*.

²³ MARCUSCHI, L. A. *apud* PALMA, Cilda; SANT'ANA, Maria L. *O Ensino de gêneros textuais na era digital*.

²⁴ PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica*, 2006, p. 21.

o universo de experiência do aluno com textos variados, colocando-o em contato com o uso de diferentes linguagens.

2.2.1 Gêneros Jornalísticos

Apesar de serem os gêneros jornalísticos reconhecidos como essenciais ao ensino, de acordo com Bonini, "ainda são pouco conhecidos, em termos acadêmicos, os mecanismos lingüísticos /sociais que caracterizam esses gêneros textuais".²⁵ Ainda falta, segundo o autor, um estudo sistemático que conceitue e explique a constituição dos gêneros jornalísticos.

De fato, somente a partir da segunda metade do século XX, os teóricos passaram a se dedicar à sistematização dos gêneros jornalísticos. A maioria deles se ocupou com classificações por categorias. E, embora haja divergência nos critérios de classificação, a maioria dos autores enquadra a notícia, a reportagem e a entrevista como jornalismo informativo. Exemplo disso, é a classificação de Melo²⁶ e Beltrão²⁷, ainda que tenham adotado critérios diferentes.

Beltrão, ao sistematizar os gêneros jornalísticos, adotou o critério funcional, considerando as funções que os enunciados exercem junto ao público: de informar, explicar ou orientar. Como a notícia e a reportagem teriam a função de informar ao público, Beltrão considerou esses gêneros como pertencentes ao jornalismo informativo.

Melo considerou as circunstâncias determinantes dos relatos jornalísticos e adotou os critérios da intencionalidade e o da reprodução da realidade, classificando os textos em jornalismo opinativo e informativo, incluindo a notícia, a reportagem e a entrevista nesse último.

²⁵ BONINI, Adair. *Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?*, p. 205.

²⁶ José Marques de Melo apud BONINI, *ibidem*.

²⁷ Luiz Beltrão apud BONINI, *ibidem*.

Para Lage,²⁸ ao lado do jornalismo informativo e opinativo, surgem novas categorias, como o jornalismo interpretativo e de entretenimento, visando a atender às exigências do consumidor.

Embora associadas aos gêneros jornalísticos, nem sempre as categorias são equivalentes a eles. Numa visão sistêmica, "pode-se interpretar que tais categorias induzem ao surgimento de determinados gêneros, mas não equivalem aos gêneros, nem a categorias de gêneros propriamente".²⁹ Além disso, não conseguem explicar os fenômenos lingüísticos, pois uma notícia, por exemplo, não apenas informa, mas veicula as ideologias da cúpula do jornal e da classe social que representa.

Passamos agora ao estudo dos gêneros notícia, reportagem e entrevista como gêneros autônomos do domínio de discurso jornalístico.

2.2.1.1 A notícia

Dentre os textos jornalísticos, a notícia é a mais corriqueira, a mais conhecida e veiculada pelos meios de comunicação. Sob o "manto sagrado" de apenas informar, de transmitir a verdade ao leitor, a notícia aparenta ser um texto neutro, livre de opiniões e, por não fazer análise profunda dos fatos, parece apenas mostrá-los como aconteceram. Entretanto, é importante lembrar que a notícia não é o fato, mas o relato do mesmo, portanto, numa leitura mais aprofundada, iremos perceber a ideologia que reflete e refrata a realidade por ela veiculada e que procura se ocultar sob um texto coberto de consensos e de supostas verdades.

Diversos autores têm se preocupado em analisar a notícia para desvendar as intenções ocultas sob a linguagem referencial e relatos pretensamente neutros. Sem dúvidas, essa é a atividade mais difícil a ser desenvolvida junto aos alunos, pois é preciso analisar o conteúdo, as condições de produção, o contexto situacional, as unidades paratextuais (imagens, quadros) e supratextuais (títulos,

²⁸ LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*.

²⁹ KINDERMANN, Conceição Aparecida. *A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero*, p. 38. .

paragrafação) para que possamos compreender inteiramente uma notícia jornalística e perceber a verdade permeada pela ideologia. Apesar da dificuldade, esse tipo de leitura é necessário para a formação de um cidadão crítico, além de contemplar o "multiletramento mencionado na fundamentação teórica das Diretrizes."³⁰

No mundo capitalista, "a notícia é um produto colocado à venda que atenda à lógica e às exigências do mercado"³¹ e como "qualquer produto de consumo pode, da mesma forma, ser transformado em signo ideológico".³² Por isso, não podemos ser ingênuos acreditando que há notícias neutras e informações puras. Sendo signo, a informação não deixa de fazer parte da realidade, mas "passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade."³³

A informação é a matéria-prima da notícia que, mediante o uso de técnicas de jornalismo, é transformada em notícia. De acordo com Lustosa,³⁴ já há um juízo de valor embutido no uso da expressão informação, pois se trata de um acontecimento relevante que justifica ser transformado em notícia. Mas, a notícia não traduz a realidade, narra o acontecimento sob determinada perspectiva, constituindo-se em uma versão dos fatos e não sua tradução imparcial e descomprometida. Podemos perceber a influência ideológica na escolha das notícias a serem veiculadas, no enfoque dado às mesmas, na importância que o jornal atribui a dados acontecimentos e também na escolha das palavras.

Enquanto gênero jornalístico, a notícia é um tipo relativamente estável, com uma estrutura definida, podendo variar conforme a mídia, mas que, em geral, segue os padrões internacionais, com manchete, lide, sublide e corpo textual. Quanto à linguagem também é característica, pois procura conciliar o formal e o coloquial. Lage³⁵ elaborou um quadro demonstrando que a linguagem jornalística

³⁰ PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica*, 2006, p. 21.

³¹ LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*, p. 17.

³² BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 32.

³³ BAKHTIN, *op. cit.*, p. 31.

³⁴ LUSTOSA, Elcias, *ibidem*.

³⁵ LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 50.

faz uso de regras combinatórias possíveis no registro coloquial, desde que aceitas no registro formal.

Quando se discute qual variante lingüística ensinar na escola, muitos apontam como ideal a linguagem jornalística, pois procura conciliar o registro formal e coloquial. Há quem aponte também a universalidade da linguagem jornalística, afirmando que não há diferenças de registros entre a linguagem do sul e do nordeste, por exemplo.

Sob o enfoque cognitivo, Van Dijk faz uma análise da estrutura da notícia para além do nível sentencial. Para ele, a notícia possui uma estrutura de relevância que indica ao leitor qual informação é mais importante no texto. Ele também observa que "as formas estruturais e os sentidos globais não são arbitrários, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais do jornalista".³⁶

Van Dijk critica a análise estrutural pura que não relaciona a estrutura aos "contextos cognitivos e socioculturais da produção e recepção de notícias"³⁷ e propõe que a análise da estrutura da notícia especifique as condições sociais (institucionais, profissionais) ou funções sociocognitivas, na comunicação mediada de massas.

Apesar da crítica, Van Dijk reconhece a importância da análise da estrutura da notícia quando cita Fowler, afirmando que o enfoque gramatical conseguiu demonstrar posições ideológicas de jornais e jornalistas através da análise do "uso de construções ativas ou passivas, que permitem ao jornalista explicitar ou suprimir, em posições de sujeito, o agente dos atos noticiados."³⁸

Se a análise gramatical contribui tanto para a interpretação, acrescentando-se a ela a análise do conteúdo, as relações entre texto e contexto, bem como a abordagem sociológica, teremos, então, uma análise bastante profunda do texto.

Como é possível perceber, a análise lingüística do texto noticioso é um campo fértil para estudos e para o trabalho em sala de aula. Além disso, a notícia jornalística pode ser trabalhada em diferentes níveis de ensino, exigindo-se uma

³⁶ VAN DIJK, Teun A. *Estruturas da notícia na imprensa*, p. 123.

³⁷ VAN DIJK, op. cit., p. 125.

³⁸ VAN DIJK, op. cit. p. 128.

análise mais ou menos profunda da estrutura da notícia de acordo com a progressão por série. O trabalho com manchete pode ser feito em diferentes séries, pois é um ótimo exercício de síntese, exigindo do aluno alto nível de abstração. O mesmo pode ser dito do lide clássico que contém resposta a seis questões sobre o fato narrado: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê? Solicitar aos alunos que encontrem as respostas no texto, bem como produzir um lide a partir das questões é uma atividade relativamente fácil e que muito contribui para o aprendizado dos alunos.

2.2.1.2 A reportagem

Como observa Bonini,³⁹ a classificação dos gêneros jornalísticos ainda é nebulosa e os mecanismos lingüísticos que caracterizam esses gêneros textuais, em termos acadêmicos, são pouco conhecidos, por isso, há dificuldade teórica na definição de cada gênero, sendo feita, na prática, a distinção de um gênero e outro, a partir das comparações com outros gêneros.

Em pesquisa feita com jornalistas a respeito dos gêneros jornalísticos, Bonini concluiu que o reconhecimento dos demais textos pelos jornalistas é feito pela "diferença ou similaridade com a notícia, não em função exatamente das partes características do texto noticioso, mas dos aspectos práticos envolvidos na instauração do gênero".⁴⁰

Também Faraco, ao tratar da reportagem, em texto didático, define-a a partir da notícia. Segundo ele, a reportagem é um texto mais extenso, resultante de uma investigação mais detalhada dos fatos, apresentando as informações em maior profundidade.⁴¹ A mesma técnica foi usada por Faria que, ao abordar sobre reportagem, diz que "o que a diferencia da notícia é sua apresentação mais livre e variada".⁴²

³⁹ BONINI, Adair. *O conhecimento de jornalistas sobre os gêneros textuais: um estudo introdutório*.

⁴⁰ BONINI, op. cit., p. 28.

⁴¹ FARACO, Carlos A. *Português: língua e literatura, ensino médio, 2ª série*, p. 42.

⁴² FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*, p. 103.

Considerando que há semelhanças, podemos dizer que muitas das questões abordadas a respeito da notícia podem ser aplicadas à reportagem, como a análise estrutural e socioideológica. O trabalho em sala de aula com a reportagem pode ser ainda mais estimulante aos alunos, pois há maior liberdade de produção textual.

Diante do exposto, para melhor compreensão teórico-prática, interessamos estabelecer diferenças básicas entre a reportagem e a notícia.

Segundo Lage, "a diferença entre reportagem e notícia é que esta trata de um fato novo e aquela de um assunto, suscitado ou não por fato novo."⁴³ Entretanto, o mesmo autor alerta que há reportagens que não partem de fato novo, pois podem abordar questões polêmicas antigas.

Também o Manual de estilo da Folha de São Paulo, ao definir reportagem não é muito esclarecedor: "Reportagem é o relato do acontecimento importante, feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou tenha apurado as informações relativas a ele. É o produto essencial da atividade jornalística."⁴⁴ No mesmo manual, notícia é definida como "puro registro dos fatos importantes que merecem estar no jornal. Sem comentários, juízos de valor ou interpretação".⁴⁵ Além das definições em nada esclarecerem as diferenças entre os gêneros, o conceito de notícia está repleto de carga ideológica, pois, o mesmo texto que nega os juízos de valor já está carregado deles quando afirma que há fatos importantes que "merecem" estar no jornal. Logo, há outros, sob o seu ponto de vista que são irrelevantes e não possuem a "graça" de figurar como notícia.

Com o intuito de diferenciar a reportagem da notícia, Lage busca caracterizar a reportagem, sob vários aspectos: i) de acordo com a linguagem, a reportagem possui estilo menos rígido que a notícia, possibilitando ao repórter o uso da primeira pessoa, bem como fazer, além do levantamento de dados, interpretação dos fatos;⁴⁶ ii) sob o ponto de vista da produção, a reportagem leva

⁴³ LAGE, Nilson. LAGE, Nilson. *Estruturas de Textos Midiáticos*.

⁴⁴ O ESTADO DE SÃO PAULO. *Manual de redação e estilo*. São Paulo, 1987, p. 158.

⁴⁵ O ESTADO DE SÃO PAULO, *op. cit.*, p. 156.

⁴⁶ LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*, pp. 30-35.

em consideração a "oportunidade jornalística" (o fato gerador de interesse)⁴⁷ ; iii) a necessidade de pautas que incluam o fato gerador de interesse, a natureza da matéria e o contexto.⁴⁸ Para Lage, é o fato gerador que torna a reportagem um gênero independente.

Para a presente pesquisa, interessa estabelecer algumas diferenças básicas para o trabalho em sala de aula: i) a reportagem decorre do planejamento, de uma pauta que inclui o fato gerador de interesse, ainda que este não seja decorrente de fatos novos; ii) a reportagem possui estilo menos rígido que a notícia, permitindo ao jornalista demonstrar mais claramente a interpretação dos fatos; iii) ao contrário da notícia, a reportagem exige a pesquisa aprofundada do tema, um conhecimento que supere o simples relato dos fatos.

A partir da compreensão dessas características, fica mais fácil propor atividades em sala de aula. A produção da reportagem necessita de pesquisa sobre o tema, levantamento de dados, entrevistas, enfim, esse gênero permite um trabalho completo, pois possibilita a prática da oralidade, o uso do discurso direto e indireto, o uso de primeira ou terceira pessoa, além de observação e interpretação dos fatos relatados.

2.2.1.3 A entrevista

A entrevista é técnica jornalística e gênero textual. Para nosso trabalho, interessa estudar o gênero *entrevista* que apresenta estrutura e linguagem características.

Boa parte das definições de entrevista se refere à técnica e não ao gênero e outras são poucas esclarecedoras, sob qualquer aspecto. O Manual de Estilo da Folha de São Paulo, por exemplo, define entrevista simplesmente como "o diálogo entre o jornalista e o personagem da notícia."⁴⁹ Apesar da obscuridade, a definição nos remete ao gênero notícia. Podemos depreender, então, que só há

⁴⁷ LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*.

⁴⁸ LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*.

⁴⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO. *Manual de redação e estilo*, p. 153.

entrevista se houver um fato que mereça ser transformado em notícia para ser levada ao conhecimento do público.

Preocupando-se com o duplo sentido do termo, Lage distingue *entrevista* em seu sentido amplo e, enquanto gênero: "Em sentido lato, a entrevista é a forma de apuração das informações mais comuns em jornalismo. Como gênero de texto, ela se apresenta como o relato de alguém, orientado, ordenado e selecionado por outro, o entrevistador."⁵⁰

Lage⁵¹ classifica as entrevistas quanto aos objetivos (ritual, temática, testemunhal, em profundidade) e quanto às circunstâncias de realização (ocasional, confronto, coletiva, dialogal).

Quanto aos objetivos: i) A entrevista ritual se caracteriza pela brevidade e por centrar-se mais no entrevistado que naquilo que ele tem a dizer. Um exemplo desse tipo é a entrevista de jogadores após uma partida de futebol; ii) Na entrevista temática, o entrevistado é alguém que se supõe entender bem do tema abordado, fundamentando-se em argumento de autoridade. iii) Já na entrevista testemunhal, o entrevistado é alguém que tenha visto ou participado de algum evento que ganhe repercussão. iv) Finalmente, a entrevista em profundidade tem por objetivo a figura do entrevistado e não um fato ou um tema específico.

Com relação às circunstâncias: i) A entrevista ocasional é a não agendada; ii) A entrevista de confronto é aquela em que o repórter assume a função de inquisidor, tendo informações prévias a respeito de algo envolvendo o entrevistado que vem, supostamente, esclarecer ou se defender das acusações impostas. iii) A entrevista coletiva é concedida pelo entrevistado a diversos repórteres de diferentes veículos de comunicação; iv) A entrevista dialogal é a programada, controlada, construída pelo diálogo, podendo ter um aprofundamento dos tópicos tratados.

Com relação à apresentação, no jornalismo impresso, "a entrevista pode ser tratada como notícia"⁵² Nesse caso, selecionam-se as proposições mais relevantes, intercalam-se as informações, alternam-se discurso direto e indireto.

⁵⁰ LAGE, Nilson. *Estruturas de textos midiáticos*.

⁵¹ LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, pp. 74-78.

⁵² LAGE, *op. cit.*, p. 84.

Pode-se também tomar a entrevista como "ponto de partida para uma exposição",⁵³ situação em que as declarações do entrevistado servem como ponto de partida para a exposição de determinados fatos. Outra forma é a apresentação da entrevista através de perguntas e respostas que, embora, pareça mais fidedigna, na verdade não é, pois na transposição da linguagem falada para o texto há necessidade de supressões de redundâncias, repetições, pausas e reelaboração sintática para que o texto não fique tortuoso para a leitura.

Para a atividade pedagógica, a entrevista é um excelente recurso, pois, além de desenvolver habilidades orais, viabilizar a coleta de informações, permite um intenso trabalho com o texto, especialmente quando se fizer a transposição das palavras do entrevistado para o texto. O aluno poderá perceber as diferentes marcas da linguagem falada e escrita, as diferenças sintáticas, além da necessidade do uso de pontuação adequada.

3 METODOLOGIA

3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em duas turmas da oitava série do Ensino Fundamental, envolvendo oitenta e seis alunos, entre treze e dezessete anos de idade.

Em sondagem inicial, os alunos responderam que não costumavam ler jornais impressos, nem assistir a telejornais regularmente. No entanto, observamos que, apesar dessas afirmações, os alunos tinham conhecimento das principais notícias veiculadas pela mídia. Investigamos, então, como eles tinham acesso a essas informações e descobrimos que, esporadicamente, eles assistiam

⁵³ LAGE, *op. cit.*, p. 85.

a telejornais e, ao acessar a Internet, além de *chats*, jogos e *sites* de relacionamento, costumavam ler *webnotícias*.

Indagados a respeito das notícias preferidas, a maioria dos meninos respondeu “sobre futebol”, enquanto as meninas diziam não ter preferência. Tratando-se de reportagens, elas optaram por beleza, saúde, moda e violência.

Também por meio de sondagem inicial, observamos em ambas as turmas dificuldades de interpretação e produção textual. Entretanto, quando íamos discutir os textos e trazê-los para a nossa realidade, os alunos demonstravam possuir senso crítico e capacidade de compreensão do mundo que os cerca.

Apesar da dificuldade comum de leitura e escrita em ambas as turmas, o trabalho foi mais difícil de ser desenvolvido na turma A, devido à imaturidade e indisciplina da turma. A turma B, contando com alunos mais motivados, apresentou desempenho consideravelmente melhor, devido à maior interação nas aulas.

Pela diferença das turmas, buscamos diversificar o trabalho pedagógico, porém sem perder o foco da pesquisa.

3.2 MÉTODO DA PESQUISA

Nossa pesquisa é qualitativa, por essa razão não iremos "contabilizar" dados. Não apresentaremos números com o propósito de provar que houve melhoria na prática pedagógica.

Nossa forma de avaliar a implementação pedagógica é pela análise dos textos dos alunos, pelas impressões da professora (observação direta) e pela auto-avaliação de cada sujeito (aluno) participante da pesquisa.

O método de análise é o dialético, num contínuo processo de reavaliação das práticas e do material produzido.

3.3 IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

3.3.1 Atividades Desenvolvidas Continuamente

No intuito de atender as Diretrizes Curriculares, preocupamo-nos com as multilinguagens, por isso, durante todo o processo, além da análise dos enunciados jornalísticos, os alunos foram estimulados à análise de elementos paratextuais (imagens, quadros) e supratextuais (títulos, paragrafação), participando, ainda, de atividades orais, como apresentação entrevistas, reportagens e produção de um telejornal.

Além disso, procuramos agregar outros gêneros à prática pedagógica, através da pesquisa e comparação de textos que tratassem do mesmo tema ou que abordassem a mesma situação, sob outro enfoque, ou, ainda, textos filosóficos, científicos, históricos que permitissem compreender certa situação apresentada pelo texto jornalístico. Assim, ampliou-se o universo de experiência do aluno com textos variados, colocando-o em contato com o uso de diferentes linguagens.

Ao trabalhar a linguagem jornalística, incluímos atividades em que os alunos foram instados a fazer uso de diferentes níveis de linguagem, substituindo as palavras do texto por termos formais e populares.

Nas atividades desenvolvidas nesta pesquisa, o estudo comparativo demonstrou ser bastante útil quando foram analisadas as diferenças lingüísticas entre um texto jornalístico e literário, demonstrando ser o usuário da língua (o aluno) competente para perceber as diferenças e saber qual variante lingüística poderia usar em diferentes contextos.

Objetivando levar o aluno a entender a construção do texto, o que poderia auxiliá-lo nas atividades de interpretação e produção, procuramos desenvolver atividades de análise dos elementos constitutivos do texto, observando no texto jornalístico a posição do sujeito, a ocultação do agente, a voz do verbo, o foco narrativo, o tipo de discurso, a escolha dos termos. Por exemplo, no estudo do lide

ficou fácil de perceber que a escolha da voz do verbo se dá pela relevância do sujeito ou do objeto. E essas construções são freqüentes nas notícias jornalísticas.

3.3.2 Descrição das Atividades Desenvolvidas

Nesta seção, descreveremos as principais atividades desenvolvidas na implementação pedagógica. O método de avaliação utilizado foi a observação direta e a análise das atividades dos alunos.

Para manter o sigilo dos sujeitos envolvidos na pesquisa, ao lado dos trechos dos textos, identificamos a turma por letra A ou B e os alunos por numerais de 1 a 43.

3.3.2.1 Sondagem inicial: gêneros jornalísticos

Para observar se os alunos conheciam os gêneros jornalísticos, propusemos a leitura, em equipes, de jornais diversos. A atividade consistia em identificar os gêneros jornalísticos e classificá-los como *informativos*, *opinativos* ou outros.

Nessa atividade, os alunos não sentiram dificuldades em reconhecer os diferentes gêneros, embora nem sempre soubessem nominá-los. Não houve dificuldades em identificar a *notícia* como texto de caráter informativo, porém, houve dúvidas em relação à reportagem e a outros gêneros presentes no jornal, o que é justificável, uma vez que os próprios autores trazem diferentes classificações.

Após esse exercício, fizemos uma exposição teórica a respeito dos gêneros jornalísticos com conteúdo informativo e explicamos nossa proposta pedagógica.

Continuando, então, com a sondagem, levamos uma *webnotícia* (Escola estadual é depredada em Londrina – ParanaOnline 04/04/08) e uma *entrevista* (com Jorge Werthein – Folha Dirigida – 15/08/2006) que tratavam do problema da violência nas escolas.

Inicialmente os alunos deveriam fazer uma análise contrastiva dos textos, respondendo sobre gênero, temática, linguagem, objetivos, fatos, espaço e tempo. Nessa atividade, não houve grandes dificuldades. A maioria conseguiu reconhecer o gênero textual. Entretanto, ao ser solicitado que produzissem uma notícia, houve confusão com outros gêneros, especialmente porque parte dos alunos narrou em primeira pessoa ou opinou sobre os fatos. Vejamos alguns exemplos: “Eu estava sentada quando a professora N. estava passando a correção...” (Aluno 14 – turma A); “Isso só depende dos alunos, se tivessem boa vontade” (Aluno 12 – turma A); “Na minha opinião devem proibir o namoro nas escolas” (Aluno 30 – turma B).

Todavia, o maior problema foi a falta de elementos básicos que caracterizassem a notícia, especialmente referência ao tempo e ao espaço. Isso nos deu a oportunidade para tratar dos elementos do *lide* clássico.

Reescrevendo as notícias, houve considerável melhora, como no exemplo abaixo: “Ocorreu no dia 25 de agosto de 2006: dois alunos do CEBJC, em Curitiba, brigaram dentro da sala de aula por um motivo banal.” (Aluno 28 – turma B).

Nessa primeira atividade também analisamos os elementos paratextuais e supratextuais e ainda pudemos observar a influência da mídia sobre a formação na opinião dos alunos.

Ao serem solicitados para apontar soluções aos problemas de violência, a maioria acredita que deve haver reforço no policiamento e punições administrativas severas. Entretanto, esses mesmos alunos quando indagados sobre a atuação policial, apontam o abuso de poder e a seletividade do sistema penal que persegue apenas pobres, negros e pessoas com determinados estereótipos (os “vileiros”, como eles dizem).

3.3.2.2 Entrevistando os pais

Após estudarmos a estrutura da entrevista, suas modalidades e resolvermos as atividades do Folhas⁵⁴ (discurso direto / indireto), propusemos aos alunos que fizessem uma entrevista com os pais sobre a violência nas escolas. Em equipes eles deveriam elaborar algumas questões, gravar a entrevista e depois redigir as respostas, adaptando a linguagem oral à escrita.

Sem dúvida, a maior dificuldade dessa atividade foi a transcrição, pois muitos alunos não gravaram a entrevista, entregando apenas a parte escrita. Alguns procuraram manter o tom de informalidade, deixando marcas da linguagem oral: “Ah, eu acho que o vandalismo é uma coisa que se aprendemos fácil” (Aluno 9 – turma A).

Para sanar o problema, utilizamos a entrevista de uma mãe, gravada por uma aluna da turma B. À medida em que ela ia falando, os alunos eram estimulados a fazer a transcrição para a linguagem escrita, retirando marcas da linguagem oral, bem como repetições, além de fazerem as devidas correções gramaticais.

3.3.2.3 A notícia e a letra da música

Analisamos a notícia “Corpo de aposentada é encontrada em túnel do Metrô-SP” (publicada em 11 de janeiro de 2008) e a letra da música “De frente pro crime” de João Bosco – textos e atividades constantes do Folhas.⁵⁵

Ao comparar os gêneros, os alunos não tiveram dificuldades, identificando prontamente a notícia, apontando diferenças em relação à letra da música.

Quando solicitamos para escrever uma notícia, contando o que ocorreu com a senhora aposentada, a maioria dos alunos se preocupou em indicar o tempo, o local e os fatos, demonstrando que haviam se apropriado do gênero

⁵⁴ Material produzido pela autora no ano de 2007, sob orientação da Prof. Dra. Maria José Foltran (UFPR), intitulado: “*Desvelando o conteúdo informativo dos gêneros jornalísticos: a notícia, a reportagem e a entrevista*”, aplicado na implementação pedagógica em 2008.

⁵⁵ *Id. Ibidem.*

textual: “CAMINHADA DA MORTE. São Paulo – 7:30 da manhã, a aposentada Maria de Jesus sai de casa para ir à feira... ela vai para o dentista e depois disso não foi mais vista... Era uma perseguição policial. A senhora tomou um tiro de bala perdida que acertou o seu braço, então ela caiu e bateu a cabeça no meio-fio.” (Alunos 16 e 26 – turma B).

Em relação à letra da música do João Bosco, também não houve dificuldades para fazer a relação do tema entre os dois textos. Diversos alunos logo perceberam que ambos tratavam do descaso com a vida humana.

3.3.2.4 A notícia e o editorial

Devido à grande repercussão do “caso Isabella”⁵⁶ levamos para análise a notícia “Caso Isabella: polícia descarta hipótese de 3ª pessoa” (Agência Estado – 15/04/2008) e o editorial da Folha de São Paulo “Desejo unânime de punir responsáveis por assassinato brutal não pode ser pretexto para execração popular” (publicado em 12/04/2008). O objetivo principal dessa atividade era fazer um debate em sala de aula, analisando ambos os lados.

Inicialmente incentivamos os alunos a observarem as diferenças entre a notícia e o editorial para que se manifestassem a respeito de qual seria predominantemente informativo e de qual seria opinativo.

Embora a maioria acreditasse que a notícia apenas informasse, muitos alunos apontaram o caráter opinativo daquele texto: “O texto 1 (a notícia) fala mais sobre o caso, o texto 2 (editorial) fala o que a mídia e a polícia pensam. Mas os dois criticam.” (Aluno 10 – turma B).

Quanto ao debate só foi possível realizá-lo na turma B, pois na turma A, houve grande tumulto e não foi possível dividi-los em grupos para que defendessem posições diversas. A atividade então foi redirecionada, sendo solicitado que, em duplas, respondessem qual dos textos parecia ser mais

⁵⁶ Caso amplamente explorado pela mídia em que uma menina de seis anos foi morta em decorrência de ser supostamente atirada pela janela do sexto andar. Os acusados do homicídio são seu pai Alexandre Nardoni e sua madrasta Anna Carolina Jatobá, pessoas de classe média alta.

convincente, por que o caso Isabella ganhou repercussão e se condenariam os suspeitos.

Todos os alunos consideraram a notícia mais convincente porque apresentava provas. Ao serem indagados se a mídia ajudaria a condenar o casal, não houve unanimidade. Alguns consideraram que a pressão da mídia faria com que isso acontecesse. Outros acreditavam, no entanto, que a mídia não tem tamanho poder.

A respeito da repercussão, muitos atribuíram esse fato ao sentimento das pessoas: “Porque Isabella era indefesa por muitos fatos, muitas pessoas ficaram chocadas com o que aconteceu”. (Aluno 31 – turma A). Apenas um aluno indicou a hipótese da classe social: “Porque são da classe média” (Aluno 39 - turma A).

A turma A também foi unânime quanto à condenação do casal – e essa foi a razão da impossibilidade do debate: “Sim, tudo indica que o casal matou Isabella e a imprensa tem provas...” (Aluno 22 – turma A); “Sim, porque é impossível ter uma terceira pessoa, então só resta condenar o casal.”

Chamados a refletir a respeito do princípio “*in dubio pro reo*”, os alunos foram irredutíveis, reafirmando a necessidade da condenação.

A análise do caso deixou patente “uma especial vinculação entre a mídia e o sistema penal”,⁵⁷ observada pelo criminólogo Nilo Batista, pois “o credo criminológico da mídia constituiu-se como um discurso que impregnou completamente o jornalismo.”⁵⁸

O mais interessante é que os alunos dizem não serem influenciados pela mídia. Mas, quando perguntados se outras pessoas são influenciadas, a maioria concorda que sim.

Na turma B, o debate foi possível, havendo maior compreensão da proposta. Uma parte da turma se posicionou na defesa e outros na acusação do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá (acusados do homicídio da menina Isabella).

⁵⁷ BATISTA, Nilo. *Mídia e sistema penal no capitalismo tardio*, p. 271.

⁵⁸ BATISTA, Nilo, op. cit., p. 286.

A respeito da repercussão do caso, afirmou um aluno: “Porque Isabella era uma criança de classe média e a imprensa acha muito mais lucrativo do que mostrar a realidade de crianças pobres, que na maioria das vezes, são mortas pelos próprios pais, assim como Isabella.” (Aluno 3 – turma B).

Após o debate, a maioria decidiu pela condenação dos acusados. No entanto, houve votos divergentes: “Não tenho como condenar, nem absolver. Eu teria que estudar melhor o caso.” (Aluno 26 – turma B). Outro aluno também apresentou dúvidas: “Eu iria considerar, porque eu não sei.” (Aluno 12 – turma B).

3.3.2.5 Produzindo uma reportagem

O conceito de reportagem foi dado, contrapondo esse gênero textual à notícia.

Preliminarmente os alunos, divididos em equipes, escolheram um tema e fizeram pesquisa de diversos gêneros textuais (notícias, poemas, textos científicos, reportagens, etc.) em diferentes fontes (jornais, revistas, Internet, livros). Depois produziram uma reportagem, elaboraram cartazes e apresentaram o resultado do trabalho à turma.

Antes da redação, os alunos tiveram noções básicas sobre pauta, estrutura da reportagem, bem como análise dos argumentos de persuasão utilizados no texto e que denotam a posição do jornalista. Para esse estudo, as atividades do Folhas⁵⁹ foram fundamentais, especialmente quando analisamos a reportagem de Lígia Martoni (Jornal O Estado do Paraná, 03/12/2007): “Disciplina por meio da vigilância”.

A turma A escolheu os seguintes temas para suas reportagens: mortes e assassinatos nos bairros de Curitiba; crianças de rua; usuários de *crack*; gangues; terrorismo; violência infantil; violência na escola; caso Isabella; caso de bebê morto em creche.

⁵⁹ Material produzido pela autora no ano de 2007, sob orientação da Prof. Dra. Maria José Foltran (UFPR), intitulado: “*Desvelando o conteúdo informativo dos gêneros jornalísticos: a notícia, a reportagem e a entrevista*”, aplicado na implementação pedagógica em 2008.

Os temas escolhidos pela turma B foram os seguintes: pedofilia; violência doméstica; alcoolismo; gravidez na adolescência; extinção de animais; caso Isabella.

A reportagem sobre assassinatos enfatiza a “cifra negra” (casos de homicídio não solucionados pela polícia): “Alguém matou essa pessoa, mas só que ninguém sabe quem foi.” (Equipe 1 – turma A).

A equipe que tratou sobre crianças de rua usou dados do IBOPE como argumento de persuasão: “... uma pesquisa do IBOPE, em todo o Brasil, informa que há cerca de 200 mil crianças de ruas...” (Equipe 2 – turma A).

O grupo que abordou o caso do bebê Gabriel, morto na creche, não foi sutil no uso da linguagem referencial, colocando-se explicitamente no início do texto: “Essa reportagem foi feita para não causar mais revolta e colocar nosso ponto de vista. Por isso resolvemos não colocar imagens.” (Equipe 9 – turma A). Apesar desse posicionamento, no restante do texto, a equipe conseguiu trazer informações em terceira pessoa.

Algumas equipes ainda fizeram confusão com o gênero *notícia* ou com a *entrevista*. A equipe 4 da turma B, produziu uma notícia: “Em abril de 1992, uma menina de 18 anos de idade...” Essa equipe foi orientada a prosseguir a reportagem, a partir do caso narrado. A equipe 2, também da turma B, fez uma entrevista com alunos da escola para tratar sobre a violência doméstica contra adolescentes: “A partir de agora você vai conhecer um fato que, com certeza, é de se pensar e ver que o mundo, aliás, nossas crianças e adolescentes, precisam de ajuda.” A equipe foi orientada a inserir trechos dessas entrevistas na reportagem.

Após a exposição oral das equipes, os cartazes produzidos foram colados no mural da escola.

3.3.2.6 O telejornal

A última atividade desenvolvida com os alunos foi a produção de um telejornal.

A primeira etapa desse trabalho consistiu em assistir a diferentes telejornais. Dividimos a turma em equipes, em que cada aluno ficaria responsável por assistir a um telejornal e relatar os temas abordados. Depois cada equipe deveria expor suas conclusões a respeito das matérias tratadas, dando sua opinião sobre a diversidade ou unicidade dos fatos relatados nos telejornais.

A etapa seguinte foi dividir a turma em equipes: apresentadores, redatores, repórteres, entrevistados, responsáveis pelo cenário.

Na turma B foi possível organizar os alunos em uma única equipe. Entretanto, devido a problemas de relacionamento, na turma A precisamos dividir a turma em duas equipes.

Os alunos organizaram a pauta, as reportagens e as notícias. Em ambas as turmas, predominaram notícias criminais, com alguns traços de comédia. Houve necessidade de interferência da professora na produção do texto de apresentação, com o objetivo de dar um tom mais formal à linguagem.

Apesar das dificuldades enfrentadas, além do trabalho com a multilinguagem (movimentos, oralidade, imagens), a atividade em equipe contribuiu para o aprimoramento das relações sociais.

4 CONCLUSÃO

O trabalho com gêneros jornalísticos nas aulas de Língua Portuguesa revelou-se promissor, com possibilidade de uma variedade enorme de atividades a serem desenvolvidas com os alunos: multilinguagens, interpretação e produção textual, atividades orais, dramatização, pesquisa, etc., possibilitando ao professor trabalhar de forma interativa com seus alunos.

Apesar de todas essas possibilidades e de muitas atividades serem do gosto dos alunos, o estudo formal dos enunciados exige um trabalho sério, nem sempre tão agradável aos educandos, que resistem a uma leitura mais aprofundada do texto, buscando logo apresentar respostas prontas, construídas pela mídia, das quais se apropriaram.

Sem dúvida, de todas as práticas, a mais difícil é a desconstrução de “verdades” veiculadas pelos meios de comunicação, de opiniões impostas à sociedade, por meio de uma linguagem pretensamente neutra.. Nosso trabalho, além da análise dos elementos lingüísticos, contou com alguns rudimentos da maiêutica (ainda que não tenhamos a pretensão de ser nenhum Sócrates) em que, ao invés de tentar impor uma idéia diversa daquela construída pela mídia (e da qual nossos alunos se apropriaram), procuramos forçar o estudante (nosso interlocutor) a pensar sobre sua realidade e, assim, evidenciar as contradições de seu discurso. Essa situação ficou muito evidente no estudo das notícias policiais e em temas que tratavam da violência. Os alunos tinham sempre uma solução pronta a esses problemas, apontando a necessidade de mais policiamento e prisão. Entretanto, quando discutíamos sobre sua realidade, reconheciam a seletividade do sistema penal e eles logo narravam a história de um amigo ou parente “inocente injustiçado”. Para os amigos, cabia a justificativa da exclusão social. Aos outros, era cabível a prisão.

Além de auxiliar o aluno na formação de uma consciência crítica, o trabalho com gêneros jornalísticos demonstrou ser também muito interessante para que o educando se apropriasse de outros gêneros, por meio da comparação, observando as diferenças de estrutura e linguagem entre esses gêneros e outros textos (poéticos, científicos, filosóficos, jurídicos, etc.).

Não temos aqui como medir o quanto essa proposta contribuiu para a melhoria na interpretação e produção textual, nem teríamos a pretensão de demonstrar através de números os resultados. Isso seria uma falácia, afinal, a prática de ensino e aprendizagem ocorre num processo contínuo e duradouro. Por isso, jamais é possível afirmar que esse ou aquele projeto promoveu rupturas significativas na aprendizagem. É preciso ser realista. Uma pesquisa contribui e

muito, mas não como aplicação em busca de resultados imediatos e sim como um estudo sério que pode contribuir para que a proposta seja integrada à prática curricular e, dessa forma, faça parte do cotidiano escolar. Afinal, a prática transformadora é aquela que se dá ao longo de muitos anos de esforço e dedicação.

5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATISTA, Nilo. Mídia e sistema penal no capitalismo tardio. **Discursos Sediciosos** (Rio de Janeiro), v. 12, n. 12, p. 271-289, 2002.

BONINI, Adair. Gênero textual / discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTÓVÃO, Vera L. Lopes; NASCIMENTO, Elvira L. (orgs.) **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004, pp. 205-231.

_____. Os gêneros do jornal: um exemplo de aplicação da metodologia sócio-retórica. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes. (Org.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004, p. 47-56.

_____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, vol. 4, n. 1, jul/dez. 2003.

_____. O conhecimento de jornalistas sobre os gêneros textuais: um estudo introdutório. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, vol. 2, n. 1, jul/dez. 2001.

BOSCO, João. **De frente pro crime**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/joao-bosco/46513>>. Acesso em 14 set. 2007.

CAMPERO, Juliana Oliveira; FERREIRA, Cláudia Cristina. Gêneros textuais no ensino médio: por uma formação lingüística mais diversificada e competente. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (orgs.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004.

FARACO, Carlos A. **Português: língua e literatura, ensino médio, 2ª série**. Curitiba: Base Editora, 2005.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1989.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**. Tubarão: Unisul, 2003, p. 38. Disponível em: <busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf>. Acesso em 02 jul. 2007.

LAGE, Nilson. **Estruturas de Textos Midiáticos**. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/lage-textomidia.html>>. Acesso em 13 abr. 2008

_____. **Linguagem jornalística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis, Vozes, 1979.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília, UNB, 1996.

MARCUSCHI, L. A. A propósito de estratégias jornalísticas. In: KATO, Mary et al. **Linguagem oral, linguagem escrita**. Série Estudos. v. 8. Curso de Letras do Centro de Ciências e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1982, pp. 18-23.

MARTONI, Lígia. Disciplina por meio da vigilância. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 03 nov. 2007.

MONTEZANO, Patrícia Christina. Telejornal: o cotidiano em sala de aula. In: CITELLI, Adilson. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo, 1987.

PALMA, Cilda; SANT'ANA, Maria L. **O Ensino de gêneros textuais na era digital**. Disponível em <<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/trabalhos/cilda%20Palma.htm>>. Acesso em 15 jun. 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**, 2006.

PEREIRA, Elvis. Corpo de aposentada é encontrado em túnel do Metrô-SP. **Agência Estado**, São Paulo, 11 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.ae.com.br/institucional/ultima/2008/jan/11/2468.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VAN DIJK, Teun A. Estruturas da notícia na imprensa. In: VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.